

**ANDRADE, Everaldo de Oliveira (Org.). *Economia socialista: experiências históricas de planificação econômica e debates sobre transição hoje***

São Paulo: Maria Antônia, 2022. 295 p.  
9786500338553 (brochura).

*Davi Luiz Paulino*

Mestrando em História Econômica pela  
Universidade de São Paulo (USP)

**Em torno da planificação econômica: debates e tendências historiográficas**

**Palavras-chave** Economia – Socialismo – Desenvolvimento – Experiências.

**Around Economic Planning: Debates and Historical Trends**

**Keywords** Economy – Socialism – Development – Experiences.

**En torno a la planificación económica: debates y tendencias historiográficas**

**Palabras clave** Economía – Socialismo – Desarrollo – Experiencias.

**Submissão**

27/07/2022

**Aprovação**

24/09/2022

**Publicação**

20/11/2022

### Em torno da planificação econômica: debates e tendências historiográficas

**A**s discussões no campo da História Econômica sobre os experimentos de planificação da economia, a partir de uma perspectiva socialista, estão ganhando novamente destaque. Tais discussões buscam atualizar e propor reflexões sobre os novos contextos de gestão econômica que vão além da perspectiva da economia capitalista.

É nesse sentido que o livro *Economia socialista: experiências históricas de planificação econômica e debates sobre a transição hoje*, organizado por Everaldo de Oliveira Andrade, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, busca contribuir. O livro é resultado de estudos e reflexões desenvolvidos por pesquisadores de diversas universidades do Brasil e do Exterior que, desde 2019, buscam compreender os processos de planificação econômica desde finais do século XIX até o século XXI, por meio da União Ibero-americana de Universidades (UIU). Na Universidade de São Paulo, os estudos encontram-se centralizados no LEPHE (Laboratório de Economia Política e História Econômica) e no GPPEC (Grupo de Pesquisa em Planificação Econômica e Coletivismo).

Ao longo do livro percebemos como as questões que englobam a ideia da planificação motivaram intensos debates. O economista Alberto Handfas, em “A Nova Política Econômica: transição necessária, armadilhas de implementação e gargalos na industrialização”, faz um balanço sobre a discussão econômica na Rússia pós-revolucionária, abordando como os bolcheviques pautaram uma política econômica que pudesse desenvolver o país e tirá-lo do atraso socioeconômico resultante das últimas guerras. A partir da leitura de Handfas, compreendemos como essa questão não é simples, todavia gerando inúmeros debates sobre a questão agrária, o processo de industrialização do país e, principalmente, a relação campo-cidade. Entre os principais debatedores destacamos Vladimir Lenin, Eugene Preobrazhenski, Leon Trotsky e Nikolai Bukharin. Alberto Handfas expõe que, desde as discussões até a implementação da Nova Política Econômica, os bolcheviques continuavam debatendo sobre os rumos da revolução e sobre os problemas da construção de políticas voltadas para o desenvolvimento econômico do país.

Saindo dos debates sobre a Revolução Russa, o historiador Everaldo de Oliveira Andrade, no texto “Mário Pedrosa: desenvolvimento e planificação econômica no Brasil”, analisa como Mário Pedrosa compreendia o desenvolvimento econômico

brasileiro e como poderia ocorrer um desenvolvimento relacionado com a ideia de planificação. Andrade mostra como o autor era um crítico dos economistas desenvolvimentistas influenciados por Celso Furtado. Mário Pedrosa alegava que a economia mundial não era apenas um conjunto de economias nacionais, mas que possuía um centro que as controlava, evidenciando o caráter subserviente das economias em desenvolvimento. No caso brasileiro, Pedrosa desenvolve a ideia de que o atraso do país só conseguiria ser efetivamente superado com a revolução socialista, dado que seria por meio da ação revolucionária que o processo de industrialização se direcionaria ao interior, rompendo com o desenvolvimento desigual e combinado da economia brasileira.

Dialogando com o texto de Everaldo Andrade, o economista Roberto Vital Anau, em “A experiência brasileira de planejamento econômico – realizações e limitações”, estuda as políticas dirigidas ao desenvolvimento econômico brasileiro a partir de 1930. Em seu trabalho são evidenciados os efeitos da crise econômica de 1929 no país, o impacto da CLT na classe trabalhadora urbana e a exclusão do campesinato que ainda se encontrava atrelado à política do coronelismo que, por sua vez, foi levado ao êxodo para as cidades com a perspectiva de buscar melhores condições de vida e trabalho. Além dos tópicos destacados, o autor ainda aborda questões interessantes como as políticas desenvolvimentistas no governo JK e, posteriormente, a subserviência da economia brasileira ao imperialismo estadunidense a partir do golpe empresarial-militar de 1964.

Diferente dos últimos capítulos, o historiador Edgar Suzuki, no texto “Kibutz e a ‘religião’ do trabalho coletivo: uma breve e incerta história econômica no deserto”, aborda a questão do coletivismo nas comunidades judaicas e a relação com a ideia de autonomia. A dinâmica interna da experiência do *Kibutz*, como mostra Suzuki, era pautada na prática coletiva, desde as reuniões diárias da comunidade até a utilização do restaurante comunitário, em que se discutia a distribuição do trabalho e as dificuldades enfrentadas pela comunidade.

Continuando com os estudos sobre participação coletiva, Everaldo de Oliveira Andrade, no texto “Hipóteses de planificação econômica e gestão operária na Bolívia (1952-1971) e no Peru (1968-1975)”, estuda as tentativas de controle operário da produção e as ideias de autogestão. Desde a Revolução de 1952, os trabalhadores da Bolívia almejavam o controle de setores importantes da economia boliviana, como a mineração. Nesse contexto surgem perspectivas de cogestão nesse setor e que, posteriormente, foram aprofundadas na experiência da Assembleia Popular de 1971, na qual trabalhadores bolivianos enfrentavam problemas em manter a autonomia e seu poder

de decisão nas prerrogativas da gestão desse setor econômico do país. Esses problemas evidenciavam as dificuldades para lidar com processos de burocratização nos setores de planificação econômica. No caso peruano, o processo foi diferente, pois as políticas de planificação foram propostas durante o governo militar de Juan Velasco Alvarado, por meio do Gobierno Revolucionario de las Fuerzas Armadas que buscava construir uma economia autogerida pelos trabalhadores. No entanto, como nos mostra Andrade, essa proposta enfrentou grandes dificuldades de efetivação plena, isso porque os militares queriam uma democracia social que não fosse capitalista nem comunista. A política de reforma agrária partia da ideia de indenização total aos antigos proprietários e os setores da economia seriam administrados junto com as chamadas “comunidades trabalhistas”, que seriam então vinculadas a uma gestão mista com o Estado. Andrade enfatiza que essa experiência das “comunidades” resultou na competição entre elas, levando a uma intensificação das desigualdades entre os setores.

Ainda analisando as experiências latino-americanas, o historiador Luiz Bernardo Pericás, em “Cuba: economia e planificação (anos 1979-1980)”, busca analisar o período posterior ao debate econômico capitaneado por Che Guevara. No período analisado, Pericás aponta que as principais políticas na ilha buscavam a eficiência econômica, sendo um importante momento em que os economistas cubanos estudavam a questão do cálculo econômico. Não obstante, o autor também mostra a relação comercial de Cuba com Moscou e os demais países do bloco socialista.

Continuando os estudos sobre Cuba, o historiador Vitor E. Schincariol fecha o livro com o capítulo “Do período especial aos Lineamientos: um panorama da atualização do modelo econômico cubano, 1990-2019”, em que aborda o período subsequente ao do capítulo anterior. O foco de Schincariol é compreender as políticas econômicas cubanas pós-desmoronamento do bloco socialista. Com tal premissa, seu capítulo segue esboçando as dificuldades enfrentadas por Cuba para a manutenção de seu modelo econômico no contexto em que seu principal parceiro comercial não existia mais. O autor destaca as propostas que os economistas cubanos desenvolveram como alternativa para superação da crise econômica pela qual a ilha passou, logo após ficar isolada sem a comercialização com os países socialistas que, naquele contexto, estavam extintos.

Mesmo com capítulos que versam sobre diferentes experiências, o livro *Economia socialista* contribui para aprofundar os debates sobre as questões econômicas das escolas socialistas, bem como destacar as dificuldades enfrentadas por seus diversos agentes e como eles desenvolveram alternativas para superar problemas e construir alternativas ao modelo econômico capitalista. Dito isso, acreditamos que o livro cumpre um papel

importante em difundir o conhecimento sobre tais experiências e possibilitar ainda aberturas para possíveis pesquisas nessa temática. Desse modo, defendemos a importância da leitura dessa obra.